

O IMAGINÁRIO SOBRE O CEMITÉRIO DOS CABOCLOS EM RELATOS ESCRITOS (PARANÁ, SÉC. XX – XXI)

Gabriel Fernandes de Oliveira (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Vanda Fortuna Serafim (Orientador). E-mail: ra83714@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

7.05.00.00-2 História; 7.05.05.04-7 História Regional do Brasil

Palavras-chave: Cemitério dos caboclos; Paçandu-PR; Práticas afro-indígenas.

RESUMO

A pesquisa teve por tema o imaginário sobre o Cemitério dos Caboclos de Paçandu-PR. A pesquisa consistiu inicialmente na busca e mapeamento de relatos documentais sobre a temática, aliada a pesquisa de campo, o que possibilitou a produção de algumas análises sobre a temática em torno do Cemitério dos Caboclos. O recorte histórico da pesquisa consistiu espacialmente na cidade de Paçandu e temporalmente nos séculos XX e XXI. A pesquisa constatou que os principais temas presentes nos relatos se referem à presença de assombrações e a população cabocla, indicando a presença de uma memória afro-indígena na região.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de Iniciação Científica vincula-se ao projeto de pesquisa docente “História das crenças e das ideias religiosas (HCIR/UEM)” (Processo 887/2021), o qual consiste em um desdobramento do trabalho de pesquisa realizado pelo grupo História das Crenças e das ideias religiosas (CNPQ/UEM), sob coordenação da Profa Dra Vanda Fortuna Serafim desde 2012, momento em que começou a atuar como docente efetiva na UEM. O grupo organiza suas discussões por meio do Departamento de História (DHI/UEM) e do Programa de Pós-Graduação em História (PPH/UEM) no espaço físico do Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades (LERR-UEM).

Objetiva-se analisar o imaginário acerca do Cemitério dos Caboclos, presentes em relatos escritos disponíveis de forma digital. O Cemitério dos Caboclos é um antigo espaço, tombado pela prefeitura de Paçandu como patrimônio arqueológico e cadastrado no CNSA – IPHAN. Embora não possua uma data exata de criação, este cemitério precede o período da dita colonização da região de Maringá/Paçandu, como é possível atestar nos relatos presentes nos documentos de tombamento e monitoramento. Infelizmente, são raros os relatos como estes, pois o Cemitério não tem sido objeto de pesquisa acadêmica, o que dificulta em muito seu estudo.

Este cemitério me chama a atenção primeiramente pela sua localidade: fica ao lado de uma rodovia, distante do centro das cidades, sem sinalização e,

aparentemente, sem muitos cuidados por parte da prefeitura. O fato de não existirem muitas citações dentro da historiografia tradicional paranaense sobre a população cabocla também me prendeu a atenção. Por quais motivos este povo ficou relegado ao esquecimento? E esquecimento por parte de quem? Como pode uma cidade dita jovem como Maringá esquecer-se de alguns de seus primeiros habitantes?

MATERIAIS E MÉTODOS

O primeiro documento que devemos ter em mente para compreender o Cemitério dos Caboclos é o livro **Memórias e Reflexões sobre um Povo: colônia Sutil** (2020). Esta é uma das pouquíssimas obras que se preocupa em conhecer e estudar o Sutil paranaense, o colocando como objeto central e não apenas uma nota de rodapé. Já o **Parecer Técnico nº 01/2020 – Comissão Especial para avaliação de tombamento do Cemitério dos Caboclos**, da Prefeitura de Paçandu (2020) nos fornece importantes dados sobre o Cemitério: sua localização geográfica, suas dimensões, seu número no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos, algumas imagens e, talvez o mais importante para esta pesquisa, relatos de pioneiros que estavam presentes na região na época da utilização do cemitério. Outro documento que trabalha diretamente com o Cemitério dos Caboclos é a **Pesquisa e Registro Documental do Sítio Arqueológico Histórico “Cemitério dos Caboclos”**, da empresa Arqueológica (2019), que nos traz ainda mais informações e outros relatos de pioneiros e, possivelmente, até de descendentes dos caboclos sobre o cemitério e sua história. Para finalidade desta pesquisa fizemos um mapeamento dos relatos existentes sobre o cemitério, discriminados no relatório final, e que envolvem blogs, vídeos no YouTube e jornais digitais.

Foi interessante observar que muitas das características do tratamento do Cemitério dos Caboclos pela população local – Paçandu, Maringá e região – pode nos indicar certos aspectos sociais que remanescem do período colonizatório, sendo o principal deles o sentimento de culpa. Há uma dualidade muito presente no tratamento do cemitério. Por um lado, ele é um espaço de ampla utilização das religiões afro-brasileiras. Por outro ele guarda a memória de um povo que, na maioria das narrativas, “desapareceu” de forma trágica.

Paul Ricoeur (s/d) traz algumas conceituações interessantes sobre memória e esquecimento. Muitas das vezes o ato passivo-ativo do esquecimento é nada mais do que um mecanismo para desligar-se de um objeto. Caso este objeto seja uma “dívida” ou uma “culpa”, o ato de esquecer-se é também acompanhado do perdão. Num sentido amplo, esquecer-se seria também perdoar-se pelos erros cometidos. Visto a natureza do cemitério e do desaparecimento da população Sutil do norte do Paraná, a necessidade de um perdão nos incita muitos questionamentos. Talvez seja também por esta razão que o cemitério persiste até os dias de hoje, o sentimento de culpa impossibilita a sua completa destruição pelo poder público e pela população local, mesmo que estes atores não tenham mais nenhuma ligação direta ao espaço e que este sirva quase como uma ferida aberta na memória coletiva de um povo.

Podemos pensar então que talvez o abandono e esquecimento do Cemitério dos Caboclos seja uma ferramenta com dois propósitos distintos: por um lado combatem-se as religiões afro-brasileiras, cerceando cada vez mais as possibilidades de uso dos espaços públicos por estas; por outro lado o esquecimento do espaço em questão serve como mecanismo de defesa para que se esqueça um possível trauma coletivo de um momento anterior, um possível trauma do processo de colonização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de leitura dos relatos referentes ao Cemitério dos Caboclos indicou que eles caminham quase sempre em dois âmbitos muito distintos – ou se discutem as assombrações, ou se discutem os Caboclos Sutis. O foco que se dá para cada um muda completamente a abordagem e a própria natureza dos relatos. Quando o foco se fixa na população Sutil os relatos são relativamente positivos, a população é tratada com um certo respeito e boas memórias são trazidas pelos pioneiros citados nos relatos, pioneiros que conheceram e conviveram até certo ponto com os Caboclos. Há é claro certos momentos de condescendência para com os Sutis, são em diferentes momentos tratados como um povo “primitivo”, mas não vemos uma demonização desta população. Ao se tratar das assombrações, porém, o tratamento muda drasticamente. O Cemitério passa a ser um local amaldiçoado, um lugar ruim, indesejável. Há até mesmo a associação das mortes na PR-323 com o Cemitério.

Outro fator que auxilia na visão do Cemitério como lugar ruim é o preconceito contra religiões afro-brasileiras – as únicas que ainda utilizam o espaço de forma recorrente. O que se esperava então é que, com uma visão tão negativa do Cemitério, haveria alguma demanda popular nos relatos para o fechamento ou a destruição deste espaço, afinal, o Cemitério é sem dúvidas um local indesejado por parte da população, uma inconveniência. Entretanto, não há nem sequer a especulação de tais atos nos relatos analisados, por mais negativa que seja a visão apresentada jamais se é cogitado qualquer ação por parte do poder público ou da comunidade contra o espaço.

Também se observa nos relatos uma necessidade de trazer à discussão os Caboclos, ainda que estes não mais existam. Aparentemente, há um movimento que busca manter a memória da existência desta população, e o desaparecimento dos Caboclos é tratado com pesar, quase que como uma tragédia local. Assim, interpretamos a existência do Cemitério como mais uma das tentativas de se manter a memória dos Sutis viva, pois é impossível compreender o Cemitério sem que se pergunte: Quem eram os Caboclos?

A associação da morte com as assombrações e com os Caboclos também nos apresenta um indício de que possivelmente algum evento traumático tenha ocorrido, não necessariamente no local do Cemitério, mas sim com a população que lhe dá nome. Os relatos citam insistentemente o desaparecimento dos

Caboclos de forma muito repentina, junto com o processo de colonização. Adicione a isto a imagem das assombrações que, nos relatos, tentam causar a morte daqueles que ali se aproximam de uma maneira que lemos como possivelmente vingativa. Não haveria necessidade de vingança para os atuais ocupantes da terra se não houvessem motivos para tal. Há ainda a questão da mortandade das crianças Caboclas que são citadas nos relatos e da associação da entidade “Caboclinho”, que interpretamos como uma criança, associada a esta vingança.

CONCLUSÕES

Tomando assim a associação que os relatos trazem entre a morte repentina dos Caboclos, a mortalidade infantil, o surgimento de assombrações ou entidades Caboclas vingativas e a necessidade de se manter o Cemitério e a memória dos Suts, fica aparente que algum evento traumático pode ter ocasionado a morte dos Caboclos. Isso explicaria o sentimento de medo e de um quase remorso ao se tratar dos Caboclos e de seu Cemitério. A necessidade de se manter o espaço seria um movimento de respeito, de desculpas, de remorso; o medo das entidades vingativas viria por um sentimento de culpa, de seus algozes ou daqueles que presenciaram o desaparecimento dos Suts e permaneceram no silêncio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Prof. Dra. Vanda Fortuna Serafim pela sua dedicação, a Universidade Estadual de Maringá pela infraestrutura, a Fundação Araucária pela bolsa de Iniciação Científica e ao PIBIC pela oportunidade de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARQUEOLOGÍSTICA, Consultoria arqueológica. **Pesquisa e Registro documental do sítio arqueológico histórico “Cemitério dos Caboclos”**. Maringá, agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.arqueologista.com.br/divulgacao-cientifica>>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

PAIÇANDU. **Projeto de Lei nº 3334**, de 7 de outubro de 2020. Dispõe sobre tombamento do Cemitério dos Caboclos do Município de Paçandu e dá outras providências. Prefeitura Municipal de Paçandu. Disponível em: <https://cmpaicandu.pr.gov.br/index.php?sessao=770d8de13evz77&novo_cliente=1188&id=2300584>. Acesso em: 2 de outubro de 2024.

RICOEUR, P. **O perdão pode curar?** Tradução de José Rosa. Lusofia Press. s/d. Disponível em:

34º Encontro Anual de Iniciação Científica
14º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



12 e 13 de novembro de 2025

<http://www.lusosofia.net/textos/paul_ricoeur_o_perdao_pode_curar.pdf>. Acesso em: 14 de novembro de 2024.

SANTOS, L.M. **Memórias e reflexões sobre um povo**: Colônia Sutil. 2020